

UM OLHAR ALÉM DO MORRO DA CONCEIÇÃO: ACOLHIMENTO MATERNO E INTERCESSÃO QUE UNEM E/OU TRANSCENDEM AS CRENÇAS

Carlos André de Araújo Alves¹

Resumo

O Morro da Conceição, em Recife, constitui um território simbólico de fé, história e diversidade cultural. A festa dedicada à Nossa Senhora da Conceição, além de promover crescimento econômico para a localidade, oferece, antes de tudo, um olhar que ultrapassa fronteiras confessionais, reunindo católicos, adeptos de outras tradições e pessoas sem religião em uma convivência marcada pelo respeito. Tal dinâmica desperta reflexão sobre religiosidade, pertencimento e diálogo inter-religioso. A análise será conduzida a partir de Leonardo Boff, Clifford Geertz, Roger Bastide, Waldemar Valente, Bittencourt Filho e Jamerson Moura, destacando dimensões de religiosidade, crença e descrença.

Palavras-chave: Diálogo inter-religioso. Religiosidade popular. Cultura. Pertencimento. Simbologia.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho, submetido na 29ª Semana Teológica da UNICAP – ST5 “Ciências da Religião e Filosofia”, sob coordenação do Prof. Dr. José Fabrício Rodrigues dos Santos Cabral, realizada em setembro de 2025 em formato remoto, constitui um recorte da pesquisa de mestrado em andamento.

Neste fragmento, o foco se concentra no Morro da Conceição, localizado na zona norte do Recife, compreendido como um território simbólico e sociocultural de notável relevância religiosa. O objetivo se resumiu em analisar a diversidade social, política e religiosa e sua relação com o Santuário de Nossa Senhora da Conceição.

¹ Mestrando em Ciências da Religião com Licenciatura em Letras/Espanhol pela UNICAP. E-mail: aral.olinda@gmail.com

2 O MORRO DA CONCEIÇÃO COMO TERRITÓRIO SIMBÓLICO E O ENTRELAÇAMENTO DAS LINGUAGENS RELIGIOSAS

A escolha por analisar o Morro da Conceição decorre de sua potência como lugar de encontro entre o sagrado e o profano, entre a religião institucional e a religiosidade vivida. Trata-se de um espaço onde o catolicismo popular se abre ao diálogo com outras expressões espirituais, acolhendo em torno da figura de Nossa Senhora da Conceição pessoas de distintas crenças e até mesmo descrentes, que, ainda assim, reconhecem na Santa um símbolo de acolhimento, proteção e esperança. Essa coexistência, que desafia fronteiras confessionais, constitui um campo fértil para a reflexão teológica e antropológica sobre a complexidade do fenômeno religioso na contemporaneidade. Com base nessa proposta, o objetivo geral deste recorte é analisar como o Morro da Conceição se configura como território simbólico de acolhimento e intercessão, no qual o sagrado católico se amplia em direção a uma espiritualidade plural, capaz de unir e/ou transcender crenças. Para tanto, parte-se da hipótese de que o diálogo inter-religioso e o respeito à diversidade não são apenas frutos de discursos institucionalizados, mas emergem de práticas cotidianas, de relações comunitárias e de expressões culturais que se consolidam ao longo do tempo.

A dissertação de Jamerson Kemps Gusmão Moura (2015) foi fundamental para compreender a dimensão simbólica deste território e apesar de algumas tensões, a convivência pacífica entre diferentes tradições religiosas e pessoas sem afiliação confessional. O Morro representa mais do que um espaço geográfico ou devocional: ele expressa, por meio de sua festa e de sua dinâmica cotidiana, um microcosmo de convivência plural, onde fé, cultura e tradição se entrelaçam, promovendo laços de solidariedade e respeito mútuo entre seus moradores e devotos.

A partir desse referencial e dialogando com autores como Leonardo Boff (1981), Clifford Geertz (1978), Roger Bastide (1973), Waldemar Valente (1955) Rubem Alves (1978) e Bittencourt Filho (2003), o estudo busca

compreender como essa pluralidade revela um olhar além — um olhar que transcende as barreiras institucionais e se abre à alteridade que une este elo de fé, cultura e diálogo inter-religioso, contribuindo para a reflexão teológica e científica sobre o fenômeno religioso.

A comunidade do Morro constitui-se como espaço de identidade coletiva e patrimônio cultural da cidade do Recife. Segundo Moura (2015), trata-se de um território simbólico de Maria, onde os elementos religiosos se entrelaçam com a história e a política local, conferindo-lhe uma dimensão singular dentro do imaginário recifense. O Santuário de Nossa Senhora da Conceição, ponto culminante do Morro, é mais do que um espaço de culto; é um símbolo de identidade coletiva. A festa deste fenômeno mobiliza moradores, artistas, comerciantes e fiéis de diversas tradições, promovendo, além do reconhecimento mútuo das diferenças, tanto o fortalecimento econômico quanto o diálogo inter-religioso. Valente (1955) e Bastide (1973) destacam que o sincretismo religioso amplia a convivência pacífica entre comunidades distintas.

A religiosidade desta localidade manifesta-se não apenas nas práticas devocionais, mas também nas expressões culturais e artísticas da comunidade. Músicas, festas e agremiações carnavalescas incorporam a figura de Nossa Senhora da Conceição como símbolo de acolhimento e intercessão. Essas homenagens e gestos de gratidão que fazem outras pessoas felizes são expressões de fé que, de certo modo, contrastam com o pensamento de Rubem Alves (1999). O autor critica o caráter penitencial de certas promessas religiosas, nas quais o fiel, em retribuição por uma graça alcançada, escolhe o caminho do sofrimento — como subir uma escadaria descalço ou de joelhos. Para Alves, esse tipo de prática revela uma concepção de Deus como alguém que se alegra com o sacrifício do filho, quando, na verdade, o verdadeiro louvor estaria na beleza, na alegria e na criação do bem. Assim, ele propõe que a promessa fosse substituída por um gesto estético — uma poesia, uma flor, uma música —, pois “o Pai não quer ver o filho ferir-se para agradecer”. Contudo, sob outra perspectiva, Clifford

Geertz (1978) entende que esses atos simbólicos — ainda que expressem dor — constituem formas significativas de comunicação religiosa. Para ele, a religião se manifesta justamente nas ações e rituais que expressam um sistema de símbolos por meio dos quais os seres humanos conferem sentido à sua experiência e à realidade que os cerca. Nesse sentido, o ato de subir o morro de joelhos ou descalço, ainda que pareça irracional ou excessivo, pode ser interpretado como uma linguagem da fé, uma maneira pela qual o devoto transforma o sofrimento em expressão de pertencimento, sacralizando o corpo e o espaço. Boff (1981) ressalta que a presença de Maria traduz carisma comunitário e cuidado maternal. Geertz (1978) contribui com a análise simbólica, destacando como a religião estrutura significados e sentidos de vida.

O sincretismo entre Nossa Senhora e Iemanjá reforça o caráter inclusivo e integrador deste lugar de devoção. Segundo o antropólogo, cétilo e descrente Waldemar Valente (1955), o sincretismo religioso no Recife revela-se como uma prática de adaptação e de resistência cultural, em que o povo encontra formas de conciliar tradições distintas sem romper com sua fé original. Essa lógica sincrética também se observa nesta colina devocional, onde católicos dialogam com elementos da religiosidade afro-brasileira, especialmente nas relações simbólicas entre Nossa Senhora e Iemanjá. Trata-se de um fenômeno que expressa a vitalidade da fé popular e sua capacidade de construir pontes de convivência espiritual. O cotidiano do bairro é permeado por essa multiplicidade. Nas ruas, nos altares domésticos, nas músicas e nas expressões artísticas, Maria se torna um ícone de acolhimento materno e de intercessão universal, acolhendo tanto os que professam o catolicismo quanto aqueles que se aproximam dela por respeito, tradição ou gratidão. A força simbólica da Santa está justamente na capacidade de reunir diferenças, revelando a presença do sagrado no cotidiano das relações humanas.

No Morro da Conceição convivem católicos, adeptos de outras tradições religiosas e até pessoas sem religião que, de diferentes maneiras,

participam da festa. Ao subir pela escadaria principal, ornamentada com mosaicos na ladeira do Apique, é possível perceber essa diversidade de expressões de fé: no percurso encontra-se o terreiro de Pai André; defronte à praça do santuário localiza-se a casa de candomblé de Pai Bonfim; e, mais adiante, quase no encontro com a ladeira principal de veículos, há um templo evangélico assembleiano. Além dessas, outras instituições religiosas coexistem nessa localidade. Esse encontro plural promove uma convivência marcada pelo respeito e, em muitos casos, desperta nos moradores e visitantes uma consciência de paz. É possível identificar aí os primeiros passos para um diálogo inter-religioso, no qual o símbolo de Maria ultrapassa fronteiras confessionais. Sua imagem inspira acolhimento, intercessão e esperança, tornando o Morro um espaço fértil para compreender como a religião pode se tornar ponte e não barreira, articulando o convívio pacífico em meio à diversidade.

Até o momento desta análise, não foi possível verificar se a busca por essa convivência harmônica parte das lideranças religiosas locais ou se emerge espontaneamente do cotidiano dos devotos e moradores. De todo modo, a experiência observada evidencia que o sagrado, quando vivido como encontro, abre caminhos para uma espiritualidade inclusiva, marcada mais pela comunhão que pela separação.

3 O OLHAR ALÉM: INTERDISCIPLINARIDADE, DIÁLOGO E PAZ

O estudo do Morro da Conceição demonstra a necessidade de um olhar interdisciplinar, articulando Teologia, Ciências da Religião, Antropologia e Sociologia. O diálogo inter-religioso, presente nas festividades e na vida cotidiana, promove os primeiros passos para a paz e compreensão entre diferentes tradições. Nesse sentido, Clifford Geertz (1978) contribui ao compreender a religião como um sistema de símbolos que atua na construção de significados e na ordenação das experiências humanas. O Morro, sob essa perspectiva, pode ser lido como uma teia de significados (Geertz, 1978), onde ritos, festas, cânticos e gestos coletivos produzem e

comunicam visões de mundo. Por outro lado, a leitura teológica inspirada em Leonardo Boff (1981) permite perceber a devoção a Nossa Senhora da Conceição como expressão de um carisma maternal e comunitário. Para Boff, Maria é presença de ternura e acolhimento, “memória viva de Deus entre nós”. Essa compreensão aproxima-se da vivência popular observada no Morro, em que a figura de Maria transcende o dogma e torna-se experiência de cuidado e solidariedade.

Autores como Roger Bastide (1973) e Bittencourt Filho (2003) reforçam que o estudo da religiosidade brasileira deve reconhecer as dinâmicas de mestiçagem cultural e simbólica que caracterizam o país. O sincretismo, longe de ser um desvio teológico, constitui uma forma legítima de expressão religiosa que articula o sagrado e o profano, o espiritual e o social. Essa leitura amplia o campo das Ciências da Religião, ao demonstrar que a fé não se limita a instituições, mas emerge da vida cotidiana e das relações humanas. Nesse contexto, este ponto de encontro entre o sagrado e o social representa uma síntese entre o popular e o teológico, o devocional e o comunitário. É nesse espaço que se vislumbram os primeiros passos para a paz, nascidos do respeito mútuo e da convivência entre diferenças. O diálogo inter-religioso, aqui, não se dá em grandes fóruns acadêmicos, mas no gesto concreto de partilhar o mesmo espaço, celebrar juntos e reconhecer na figura de Maria um ponto de convergência espiritual. A experiência do Morro da Conceição evidencia que o fenômeno religioso não pode ser compreendido a partir de uma única lente disciplinar. A pluralidade simbólica ali presente desafia o pesquisador a adotar um olhar além, que integre teologia, filosofia, antropologia, sociologia e arte. Essa interdisciplinaridade reflete a própria natureza da religiosidade popular, que se manifesta tanto na devoção quanto na estética, na música, na festa e na vida comunitária.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Morro da Conceição, enquanto território simbólico e social,

representa um espaço privilegiado para compreender a religiosidade popular, o sincretismo e a integração comunitária. A presença de Nossa Senhora da Conceição nas agremiações carnavalescas, nas canções populares e nas expressões profanas da festa confirma que a fé e a cultura se retroalimentam. A Santa é cantada, dançada, representada e invocada — não apenas como intercessora, mas como símbolo de identidade e resistência. Essa integração entre o religioso e o cultural faz do Morro um verdadeiro laboratório vivo para as Ciências da Religião, ao revelar como a espiritualidade permeia os espaços urbanos e o imaginário coletivo.

A figura da Santa, acolhedora e intercessora, reúne católicos, simpatizantes e pessoas sem religião, demonstrando como o sagrado pode transcender fronteiras confessionais. As análises baseadas nos autores citados evidenciam a importância de um olhar interdisciplinar e teológico, destacando a relevância do estudo para a Teologia, para as Ciências da Religião e para o conhecimento científico mais amplo. A partir das contribuições destes autores, foi possível demonstrar que este cenário de fé e comunhão não é apenas um santuário físico, mas um espaço de significação simbólica e de construção social do sagrado. Nele, o diálogo inter-religioso e a convivência pacífica traduzem, na prática, a busca por um horizonte, um olhar de paz e reconhecimento mútuo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- BITTENCOURT FILHO, José. *Religião e cultura: o sincretismo afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- BOFF, Leonardo. *Igreja, carisma e poder*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

MOURA, Jamerson Kempf Gusmão. *O território simbólico de Maria: religião e cidade no Morro da Conceição – Recife/PE.* 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

Disponível em:

https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UFPE_0b34823cece8d4b5821cf3b71cc071af. Acesso em: 10 out. 2025.

VALENTE, Waldemar. *Sincretismo religioso afro-brasileiro.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.